Waiãpi1

Um breve Histórico

Waiãpi é o nome utilizado para designar os índios falantes desta língua

Tupi que vivem na região delimitada pelos rios Oiapoque, Jari e Amapari.

São os mesmos Guaiapi, mencionados na região do baixo rio Xingú, sua

área de origem desde o século 17. (RICARDO, Carlos Alberto. Povos

indígenas no Brasil, 1983).

Os índios reconhecem o termo Waiãpi como designação inclusiva para

todos os subgrupos que vivem nessa região, se caracterizando como

autodesignação do povo. No entanto, utilizam-no com pouca frequência

usando mais cotidianamente a expressão Iane, nós.

A mesma restrição ocorre com os nomes pessoais, mas nós últimos anos,

esse grupo vem utilizando o termo Waiãpi como forma de autoafirmação

nas reinvindicações que fazem à FUNAI.

Conforme Grenand , a significação etnológica do nome Waiãpi

corresponde a interpretação do termo fornecida pela viajante de Bauve

(1833, 277), pois o desmembramento da palavra significa: Waia-,

adversário, e -pi, acertar (como o ­ iapisi significa fazer guerra), Waiã ­ pi

seria "os adversários que acertam(os inimigos) "(1982, 56-57).

A língua falada pelos Waiãpi se inclui na família Tupi-Guarani, com

diferenças dialetais a nível fonético entre os grupos; junto com os

Emerillon do rio Oiapoque, são os únicos representantes desta família

linguística na área.

HISTÓRICO DE CONTATO- a história dos Waiãpi é restrita ao contato com

os portugueses, pois são destes os primeiros registros sobre o grupo. Os

Waiãpi dizem provir de uma região situada ao sul da área atual, à beira de

um rio grande , que podemos constatar:

Conforme se pode reconstituir a partir dos cronistas do período, os

Waiãpi se originam do baixo rio Xingú, da mesma área onde são

mencionados os Juruna. A primeira referência a esses índios data de

1665, quando os jesuítas encarregados de organizar aldeamentos

mencionam, na área, várias nações de "língua geral" entre os quais os

Guaiapi (Betendo rf: 1909, 115-116); outros cronistas fornecem a

mesma localização desse povo, até o final do século 17.(RICARDO,

Carlos Alberto. Povos indígenas no Brasil. 1983, 108).

Várias consequências levaram os grupos nativos do baixo rio Xingú a se

dispersarem, entre as quais, a partir de 1650, a redução das aldeias

missionárias e as expedições predatórias. E somando-se a estas, uma

epidemia de sarampo dizimou grupos que se havia concentrado nas

missões.

O início da migração dos Waiãpi ocorre entre 1680 e 1720. Atravessando o

rio Amazonas, provavelmente à altura da ilha de Gurupá, em frente à boca

do rio Jato, seguiram para o norte. Contando com o relato de vários

viajantes, que permitiu verificar esse deslocamento, acompanhado de

conflitos com os grupos da região conquistada pelos Waiãpi no século 18,

fazendo até "alianças" com os portugueses para conquistar as áreas do

alto Jari, por exemplo.

No final do século 18 nas décadas iniciais do 19, a maioria dos Waiãpi já

estava situada nas bacias dos rios Jari e Oiapoque, enquanto restavam

alguns que ainda viviam no interflúvio Jari-Paru, onde estavam em conflito

com índios Aracaju e Apamã. Desde então, a evolução do povo é

registrada pela tradição oral, que situa justamente no médio rio Jari a

criação da nação Waiãpi (RICARDO, Carlos Alberto. Povos indígenas no

Brasil. 1983,109).

No SÉCULO 19: A INSTALAÇÃO DOS GRUPOS DOS TERRITÓRIOS NO JARI,

AMAPARI E OIAPOQUE.

Entre o curso médio do rio Jari(à altura da cachoeira Kumakakwa) e acima

da boca do rio Inipuku é o lugar consagrado pela tradição Waiãpi, como o

princípio deste povo. Nesse lugar, o herói cultural Ianejar, depois de ter

criado a terra, coloca nela a mata, os animais e os homens.

A primeira humanidade já incluía os taimi-wé (avós antigos), os taimi-

wé foram criados primeiro que os brasileiros, segundo um dos mitos

de criação, se originaram da chuva, tão numerosos quanto as gotas da

agua que nunca acabam. Todos viviam juntos na região do médio jari

num local identificado como tuiuiu, na boca do igarapé Mucuri. Esse

período e tudo como uma fase de vida difícil, com graves dissensões

entre as etnias. Insatisfeito, o herói provocou o dilúvio e depois

queimou a terra, destruindo a primeira humanidade. Apenas alguns

homens se salvaram protegendo-se numa casa circular, indestrutível,

que foi levado pelas águas rio abaixo, parando no topo de uma

montanha.(RICARDO, Carlos Alberto. Povos indígenas no Brasil. 1983,

109).

Desses remanescente surge a segunda humanidade, a quem Ianejar transmitiu as

técnicas e os ensinamentos da vida social. Em seguida, o herói se retirou da terra não

mais interferindo no destino dos homens. Desta vez, os brasileiros e os outros povos

não convivem mais com os índios. Os primeiros foram para o sul e os segundos para o

norte.

Os Waiãpi reocuparam a antiga área do Jari, que fazia fronteira com

território de outros grupos como os Waiãpi, a leste, e pelo Wayana,

Aparai e Apamã, a oeste. Nessa fase, a tradição aponta para um

período de cisões e expansão rumo a zona de floresta, na margem

esquerda do rio Jari; em alguns casos, a migração Waiãpi pode ser

datada e comparada com informações bibliográficas e a cultura oral

dos índios.

Assim, é possível datar a ocupação do médio rio Jari por volta de

1840-50 e o início das cisões que deram origem aos atuais grupos

locais do Amapari na fase 1850-80... As tradições dos Waiãpi do

Amapari, que permitem seguir o movimento desses índios na parte

meridional de seu território, são completadas pela cronologia

estabelecida a partir dos viajantes, que dão conta do movimento mais

amplo do povo Waiãpi e da instalação dos três grupos territoriais ­

Jari/Cuc, Oiapoque e Amapari ­ que correspondem, basicamente, a

três levas de migração sucessivas.( RICARDO, Carlos Alberto. Povos

indígenas no Brasil. 1983, 110)

Segundo o que se supõe, essa fase entre 1790 a 1890, aproximadamente, indica a

estabilização nas áreas a partir de 1850.

Um primeiro grupo, ligado ao avanço dos chamados "índios

portugueses, que penetrou na área pelos rios Jari e Araguari, ocupando

seus afluentes da margem direita e, posteriormente, os afluentes da

margem direita do rio Oiapoque entre 1760 e 1800.

Um segundo grupo, formado pelos Waiãpi que atacavam na segunda

metade só no século 18 os índios do alto Jari, migrou para está área a

partir de 1820 após uma longa permanência no curso do médio Jari,

onde mantinham contatos esporádicos com os brancos. Esta facção foi

liberada pelo chefe lawarumiti ou Joaquim Manoel.

Um terceiro grupo foi formado por remanescentes das levas de

migrações anteriores, permanecendo no curso médio do Jari até 1850

aproximadamente, conforme dados orais.(RICARDO, Carlos Alberto.

Povos indígenas no Brasil. 1983,110).

Do decorrer desse processo, ocorrem as diferenciações entre os subgrupos devido as

relações tribais e interétnicas, e os contatos intertribais, junto com o processo de fusão

com os remanescente de outros povos.

A movimentação no território é caracterizada por conflitos entre várias etnias,

Wayana, Aparai, Upurui, e Emerillon, por exemplo. Esses conflitos são influenciados,

também, pela compressão dos índios e seus territórios causado pela expansão dos

colonizadores europeus,. Contudo, mantinham relações, atividades de interesses

mútuos.

Durante a segunda metade do século 19, a relativa estabilidade territorial foi

acompanhada pelo restabelecimento das relações pacíficas com outros povos da área ,

o que resultou em processos de fusão e sobretudo no estabelecimento de uma ampla

rede de comércio intertribal.

Do início do século 20 a 1960, houve uma redução populacional entre os grupos

Waiãpi,com registros não muito precisos, com cerca de 30 a 40% de mortes.

Ao mesmo tempo que diminuía a população dos grupos locais

aumentava o distanciamento e a diferenciação entre eles já esboçada

na fase anterior. No médio rio Oiapoque, na década de 30-40, os

Waiãpi se concentravam perto do Camopi e eram considerados quase

extintos. No rio Cuc, havia ainda várias pequenas aldeias dispersas

pelos afluentes desse rio. Nessa área e no alto Oiapoque, mantinham-

se isolados e sem contato. O responsável pela reabertura dos contatos

entre os dois subgrupos doido médico Heckenroth, cuja atuação entre

os índios provocariam uma série de "incidentes fronteira".(RICARDO,

Carlos Alberto. Povos indígenas no Brasil. 1983,110)

De fato Heckenroth tinha interesse em levar os índios para a Guiana Francesa; isso

porque epidemias haviam dizimado os Waiãpi "franceses" que passaram a necessitar

reforços (Métraux:1927). Disso decorreu algumas levas migratórias.

Ao passar do tempo, vários contatos de interesses políticos i ternos e externos aos

Waiãpi, modificam aí da mais sua vida e diminui o número de seus membros.

O início da década de 60 a 70 do século 20, foi marcado pelo abandono de altas áreas

decorrente do contato com extrativistas e garimpeiros, além de serem

frequentemente "atraídos" para as Guianas e por movimentos missionários na região.

Outro fator de deslocamento, foi o interesse de mineradoras na área, que teve êxito

no pedido de transferência dos índios do rio Cuc.

Em outras áreas, por exemplo, a mesma atividade transformou a vida dos grupos:

Em consequência dos contatos entre índios e garimpeiros, no

Karapanaty, 19 índios morreram de sarampo em 1972. Na região do

igarapé Água-Preta, outro garimpo funcionou entre 1969 e 1970,

provocando também a morte por epidemia de gripe de mais de 10

Índios; o resto dos habitantes dessa área foi extinto logo depois por

outra epidemia, salvando-se, em 1973, apenas dois

indivíduos.(RICARDO, Carlos Alberto. Povos indígenas no Brasil.

1983,111).

É nesse período de interesses por partes de extrativistas e mineradoras de grande

porte, como a ICONI e a estatal CPRM, garimpeiros, etc. Que a recém criada

FUNAI(Fundação Nacional do Índio) cria as "frentes de atração" para realizar seus

primeiros contatos com os índios. Na época os Waiãpi se constituíam em

aproximadamente 190 pessoas, contabilizados pelo programa de "pacificação" , aliado

à construção da Rodovia Perimetral Norte (BR-210).

DE 1974 EM DIANTE:

Essa fase corresponde, para os Waiãpi da região do Amapari, à

instalação e atuação do PIA da FUNAI. Continuaram, entretanto, os

transtornos na vida dos índios, resultantes agora do processo de

dependência que se instaurou em relação aos órgão de proteção e, por

outro lado, da contínua e crescente invasão de suas terras por parte de

garimpeiros. O resultado foi a concentração da maior parte dos índios

perto da sede do PIA, o que aliás, constituiria o principal objetivo da

FUNAI local(Bol. Inf. FUNAI: n°8, 1973,54). No entanto, após alguns

anos de concentração, os Waiãpi voltaram a se separar, mantendo a

independência tradicional das comunidades locais.(RICARDO, Carlos

Alberto. Povos indígenas no Brasil. 1983,111).

As primeiras sedes do PIA Amapari foram instaladas nas proximidades da BR-210 e

fiscalizava o contato entre índios e os trabalhos da rodovia. Com o passar do tempo e a

dependência do PIA(mudado de local), alguns grupos ficaram mais isolado; além de

parte da rodovia adentrar alguns quilômetros na terra indígena, o que facilitou a

entrada de não índios interessados na exploração predatória daquele ambiente, que

estava sem fiscalização nenhuma.

Em 1975/76, as invasões diminuem graças as operações da Polícia Federal, que retira

os garimpeiros da área. O que acaba gerando alguns conflitos (em um caso mais

isolado, uma pessoa morre vítima de disparo de arma de fogo).

A tensão aumenta na área em 1979, quando a Mineração Monte

Negro Ltda. Inicia atividades ­ extração de tantalita ­ no alto Rio

Inipuku, usando produtos para lavagem do minério que poluíram as

águas do rio e mataram um adulto da aldeia principal(em 1980).

(RICARDO, Carlos Alberto. Povos indígenas no Brasil. 1983, 112)

Os anos subsequentes são marcados por avanços e os mesmos dilemas

conflitantes. Assim como vários projetos para a demarcação das Terras Indígenas

Waiãpi.

MODO DE VIDA

O Waiãpi, apesar das influências do contato com os não índios, mantém os padrões

semelhantes a um tempo passado.

O sistema social é condizente com a divisão territorial. As relações

entre o grupo local e sua área são definidas pelo terno wanako,

também utilizado para designar as comunidades autossuficientes e

autônomas politicamente, as mais representativas da sociedade

Waiãpi.(RICARDO, Carlos Alberto. Povos indígenas no Brasil. 1983,113).

A autonomia dos grupos locais era baseada num sistema clãnico que organizava as

atividades dos Waiãpi. Conforme P. Grenand, a origem dos clãs é explicada por três

modos que representam 3 versões para a origem de 18 clãs. Esses surgem, segundo os

mitos, de três tipos de uniões incestuosas: a união de um animal fêmea e de um

homem Waiãpi; a união de incestuosa de dois animais(vermes) transformados em

humanos; a união de uma mulher Waiãpi com um animal(1982,62-64).

Devido as mudanças e contextos conflituosos (já abordados anteriormente), e o

desaparecimento do sistema clãnico é atribuído por Grenand ao fato de que, no final

do século 19, os Waiãpi passavam a integrar muitos indivíduos de outras etnias,

passando de um sistema patrilinear aos sistema atual de descendência indiferenciada

(RICARDO, Carlos Alberto. Povos indígenas no Brasil. 1983, 113).

Isso ocorreu devido os Waiãpi sofreram significativa redução da população. Essa união

funcionou para Waiãpi do Amapari como solução para os casamentos. Isso seria na

realidade uma "tática de defesa" para evitar o quanto possível a dispersão do grupo

local(P. Grenand: 1982,121-123).

O grupo local é formado pela associação de várias famílias nucleares

através de uma rede de relações entre parentes e afins, construindo

uma parentela local. Na maioria dos casos, na região do Amapari, os

grupos locais são formados pela junção de dois ou mais irmãos com

suas respectivas famílias. São grupos politicamente definidos e sua

estabilidade depende da manutenção do equilíbrio e da harmonia

entre seus membros, função está atribuída a chefia. Os Waiãpi

consideram chefe quem funda um novo grupo, isto é, uma nova

aldeia.(RICARDO, Carlos Alberto. Povos indígenas no Brasil. 1983, 114).

Normalmente, a descendência Waiãpi, se caracteriza bilateral, isto é, considera-se

tanto aos parentes maternos como paternos. O que possibilitou o casamentos

endogâmicos em períodos críticos na história Waiãpi.

Os Waiãpi observam uma regra de casamento preferencial entre primos

cruzados-bilaterais reais ou classificatórios. O casamento entre primos

paralelos que se chama de irmão/irmã é incestuoso.

Existem outros tipos de condizente com essa regra: a prática do

levirato( a viúva casa preferencialmente com o irmão de seu marido) e

o sororato(recomendado sob a forma de casamento poligâmico e no

caso do viúvo que se casa com a irmã de sua falecida esposa).

Outros tipos de uniões, mais raros, são o casamento com a

Filha de viúva

e o casamento avuncular,isto é, com a filha da irmã. Todos esses tipos

de uniões possibilitaram, idealmente, a reprodução dentro da própria

comunidade. Mas atualmente, observa-se certa dificuldade de

casamento dentro da aldeia, o que leva a intercâmbios com outros

subgrupos Waiãpi.(RICARDO, Carlos Alberto. Povos indígenas no Brasil.

1983, 115-117).

A nomenclatura de parentesco Waiãpi, é caracterizada pela norma das alianças, e os

nomes pessoais são dispensados. Essa nomenclatura que comporta 57 apelações,

distingue parentes consanguíneos que são reagrupados em duas categorias

fundamentais ao nível das gerações.(RICARDO, Carlos Alberto. Povos indígenas no

Brasil, 117). Segue portanto esse modelo chamado "dravidiano" ou "iroquês"

nomeando com um mesmo termo o pai e o irmão do pai, a mãe e a irmã da mãe, e

com outro termo, o irmão da mãe e a irmã do pai.(P. Grenand: 1982, 101).

Outro aspecto importante dessas aldeias é a regra de residência matrilocal(o noivo

deixa a casa ou aldeia do pai para se instalar junto com os parentes da noiva).

A aldeias dos Waiãpi não apresenta formato característico , devido seu movimento

constante entre as aldeias e habitações de roça. As casas estão situadas no espaço

limitado pelo igarapé ou pelo rio ou pelas roças, deixando uma área livre(okara) onde

se praticam as atividades sociais e rituais; a casa é composta por uma família nuclear

ou em alguns casos por famílias numerosas, vivendo de 4 a 7 pessoas em média.

Segundo Gallois(2009), existe três tipos de casa: a casa(jura), habitação de pavimento

elevado; a yvy'o, que é uma casa térrea; e a tapaina ou tapiri, uma espécie de casa

provisória. A primt, do tipo tradicional, são casas palafíticas construídas sobre estacas

de até 2 metros de altura, com acesso por meio de escadas feitas de madeira

esculpida. Esse tipo de casa favorece na proteção contra a invasão de

animais e as fortes chuvas amazônicas. A cobertura dessa casa é feita de forma ogival e

coberta de folhas de ubim ou palha preta. O uso do fogo nessa casa é feito com o

auxílio de um objeto circular de barro.

Além das três, é comum (na proporção de duas ou três casas) existir uma espécie de

casa que serve de cozinha para várias famílias.

Existem atualmente entre os Waiãpi três tipos de assentamentos, que

formam um "continuo" de situações intermediárias no ciclo

tradicional de mobilidade territorial: (1) a aldeia (-ta) tradicional com

casas permanentes do tipo palafita, terreiro grande e limpo e roças

extensas, correspondendo a um grupo estável; (2) habitações na roça,

com casas do tipo provisório, dispersas num raio de 3 a 6 km no meio

das plantações, correspondendo a um grupo local

ou

em fase de cisão; (3) habitações reunidas artificialmente nas

proximidades de um centro de atração (no caso, as sedes sucessivas do

PIA Amapari).(RICARDO, Carlos Alberto. Povos indígenas no Brasil.

1983,103).

Cosmologia

Mesmo com as influências sofridas pelo contato com os não índios, a

Filosofia Religiosa

dos. Waiãpi não sofreu mudanças significativas . Ianejar continua sendo o principal

herói (criador do universo e da humanidade), juntamente com seu filho iane-re-açu,

muitas vezes confundindo com o primeiro.

O Ciclo mítico da criação foi publicado por F. Grenand (1982) e a versão

dos Waiãpi do Amapari encontra-se em Gallois (1980c), podendo ser

resumida assim: Ianejar cria o mundo e os homens, e, enquanto vive

junto com eles na terra, engendra dois filhos gêmeos; o antagonismo

que se desenvolve entre o pai e os filhos leva o herói a se separar dos

homens que deve aguentar uma série de provações impostas pelo

herói; os homens, devido a sua incredulidade, perdem o acesso à

felicidade eterna. O ciclo termina com um grande êxodo, durante o

qual os homens matam o herói, provocando sua vingança com o

dilúvio e a queima da terra. Depois a humanidade é recriada, tornando

a forma a cultua dos homens atuais. (RICARDO, Carlos Alberto. Povos

indígenas no Brasil. 1983, 117-118).

A vida cerimonial é intensa, marcada por ciclos rituais e a reunião das comunidades na

participação na festa. É nessas reuniões que está presente o caxiri(bebida preparada pelas

mulheres) em grandes quantidades. As danças são mais frequentes em tempos de crise, para

agradar seu herói que está sempre ameaçando-os.

A atividade xamanista continua sendo importante; o pajé (pai é) ­ único especialista do grupo

­ é o intermediador das forças invisíveis, atuando entre as forças invisíveis e os homens.

SUBSISTÊNCIAS

Do ponto de vista econômico, os limites do uso da terra pelos Waiãpi, definem-se pela

localização das roças e das aldeias, incluem-se os sítios antigos, para onde os índios retornam

regularmente e que constituem zonas de reserva. Os caminhos trilhados entre todos os pontos

do território são significativos para a fixação dos limites da área indígena, pois servem às suas

atividades de subsistências, assim como ao relacionamento entre as comunidades locais. Os

índios desenvolvem suas atividades, segundo ciclos e métodos que permitem a regeneração do

solo e caça.(RICARDO, Carlos Alberto. Povos indígenas no Brasil. 1983, 119-122).

O período das chuvas (de dezembro a julho) e o período da seca(de agosto a novembro) divide

o tempo dia Waiãpi. As atividades segue o ciclo abaixo:

Chuva(amã) Seca(kwara'y)

Coleta importante: frutas de Coleta restrita: ovos de

tartaruga, iguana, etc.

palmeiras

Pesca restrita Pesca abundante

Caça abundante: macacos, Expedições de caça a longa

veados e aves distância

Safra da mandioca e de

outros produtos da roça Preparação da roça nova;

velha; milho da roça nova safra dos produtos da roça

anterior: batata, cará e

mandioca nova a partir de

outubro;

Período de festas e viagens

Existem vários critérios para a escolha das roças, entre eles:

Evitar lugar infestado de espíritos moradores de certas árvores e

acidentes geográficos, evitar lugares reconhecidos como áreas de

doença e áreas de praga (formigas) e evitar áreas em declive; deve-se

também atentar para a qualidade dos solos (são 14 tipos, segundo

Grenand), entre os quais os Waiãpi consideram aptos os de terra preta

e vermelha; finalmente, o aspecto primordial, é que a área aberta deve

situar-se em zonas de floresta primária (kaa'e'e).(RICARDO, Carlos

Alberto. Povos indígenas no Brasil. 1983, 122).

A queimada e a limpeza são atividades coletivas (posirõ). Os trabalhos seguem técnicas

tradicionais, que depois da queimada, as mulheres plantam vários gêneros, mas sem muita

ordem aparente, se sobressaindo a mandioca brava.

Os produtos além da mandioca são: banana, batata doce, cana-de-açúcar, macaxeira, mamão,

caju, abacaxi, pimenta, abóbora, amendoim, feijão, laranja e pupunha.

A caça e a pesca são outras atividades importante na vida Waiãpi. A primeira é essencial,

considerada a verdadeira alimentação (o'okwer). Os animais caçados são: coatá, guariba,

preguiça, anta, veado, cotia, paca, jacamim, mutum, porco do mato, caitetu, jacu, tucano,

arara e nambu.

Os modos de caça são diversificados, e de acordo com as estações; os homens fazem

expedições em pequenos grupos ou em família, se afastai no máximo 20 km e voltando no

mesmo dia.

Na pesca, já se utilizam de tecnologias como linhas de náilon e anzóis, raramente usam arco e

flecha (somente no verão, nos rios Inipuku e Aimã), e o Timbó.

A coleta, com vasta variedade, soma-se aos alimentos complementares: açaí, ingá, bacaba,

maçaranduba, sorva, goiaba, taperebá, ucuquirana, bacuri, caju, cacau, castanha,

biribá, insetos, larvas, além de caracóis, ovos de iguana, jacaré, e, finalmente, o mel.

A preparação dos alimentos, domínio exclusivo das mulheres, segue

padrões relativamente elaborados. A verdadeira comida, segundo os

Waiãpi, constitui-se da carne e peixe e dos produtos da mandioca,

como o beiju e a farinha. Os diferentes tipos de preparações são os

seguintes: os cozidos de carne e peixe, com ou sem tucupi,; os mingaus

mais variados (de tapioca, frutas, batata e cará, trairão e anta); os

caldos de carne e peixe, utilizado para a refeição matinal; os sucos de

fruta( abacaxi, frutas de palmeira geralmente misturadas com farinha);

e as bebidas fermentadas do tipo caxiri, feitos sobretudo de mandioca

brava mas também de banana, milho, cará; de manhã costumam

tomar tacacá, ou caxiri moto (pouco fermentado); durante o dia

tomam sobre, frutas, castanhas, etc...à tarde, quando os homens

voltam da caça e da pesca, é preparada a refeição famílias, com base

nestes produtos. (RICARDO, Carlos Alberto. 1983, 124-125).